

Nº 12, ago./97, p.1-3

REAÇÃO DE CLONES COMERCIAIS DE CAJUEIRO ANÃO À ANTRACNOSE E AO MOFO PRETO

José Emilson Cardoso¹

Edilza Maria Felipe²

Maria de Jesus Barbosa Cavalcante³

Raimundo Nonato Martins de Souza⁴

A expansão da cultura do cajueiro depende, fundamentalmente, da adoção de modernas técnicas de produção, colheita e utilização de seus produtos. Evidentemente, o uso de clones de cajueiro anão representa um consenso generalizado dentro deste novo enfoque empresarial da cultura.

Arelado às tecnologias que promovam um nível de produtividade comercialmente aceitável de pedúnculo e amêndoa, destaca-se o manejo econômico das doenças, entre elas, a antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides* Penz.) e o mofo preto (*Diplodidium anacardiacearum* Batista & Cavalcante).

Atualmente, apenas a antracnose possui recomendações registradas quanto ao controle através de pulverizações regulares com fungicida, sendo o oxiclureto de cobre o único com registro no Ministério da Agricultura. Tal prática, embora eficaz em situações específicas, conforme o estágio epifitótico, demanda uma série de condições, além do caráter econômico e ecológico.

Os clones de cajueiro anão atualmente mais cultivados são CCP 06, CCP 09, CCP 76 e CCP 1001, cujas características agrônômicas e econômicas são por demais conhecidas. Entretanto, a reação destes às principais doenças prevalentes no litoral cearense ainda não foi elucidada. Desse modo, objetivou-se determinar o grau comparativo de resistência/susceptibilidade entre estes clones à antracnose e ao mofo preto em condições naturais de campo no litoral cearense, como um primeiro estudo aos futuros trabalhos de obtenção de clones resistentes às fitomoléstias.

O trabalho foi desenvolvido na Estação Experimental de Pacajus-EEP (EMBRAPA/CNPAT), em uma área de competição de clones de cajueiro anão com seis anos de plantio, dentre eles os clones comerciais CCP 06, CCP 09, CCP 76 e CCP 1001. Os clones estão dispostos em blocos ao acaso com quatro repetições, no espaçamento de 7m x 7m. As avaliações foram feitas, mensalmente, de abril/94 a dez/95, nos clones comerciais e nos outros utilizados pelo programa de melhora-

¹ Eng^o -Agr^o, Ph.D., EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Agroindústria Tropical (CNPAT), Caixa Postal 3761, CEP 60511-110 Fortaleza, CE.

² Eng^o -Agr^o, M.Sc., Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

³ Eng^o -Agr^o, M.Sc., Empresa de Pesquisa Agropecuária do Ceará (EPACE), Av. Rui Barbosa, 1246, CEP 60115-221 Fortaleza, CE.

⁴ Assistente de Pesquisa, EMBRAPA/CNPAT.

COT 12, ago./97, p.2

mento genético do CNPAT para produção de amêndoa, além de outras características de interesse agroeconômico. Utilizou-se a escala com classes de severidade de 0 a 4, baseada na lei de Weber-Fechner, sendo 0= ausência de sintomas, 1= presença de lesões cobrindo aproximadamente 2% da área afetada, 2= lesões cobrindo aproximadamente 5% da área afetada, 3= lesões cobrindo aproximadamente 10% da área afetada e 4= lesões cobrindo 25% ou mais da área afetada. A média de notas das plantas da parcela foi usada para análise de variância, após transformada para $\sqrt{x + 0,5}$, visando determinar o nível de resistência entre os clones.

O estudo demonstrou que há variabilidade genética entre os quatro clones quanto à resistência. Observa-se nas Fig. 1 e 2, através da escala de severidade, que o comportamento dos clones se mostra diferenciado quanto à reação à antracnose e ao mofo preto, apresentando o CCP 06 melhor resposta ao ataque destas fitomoléstias.

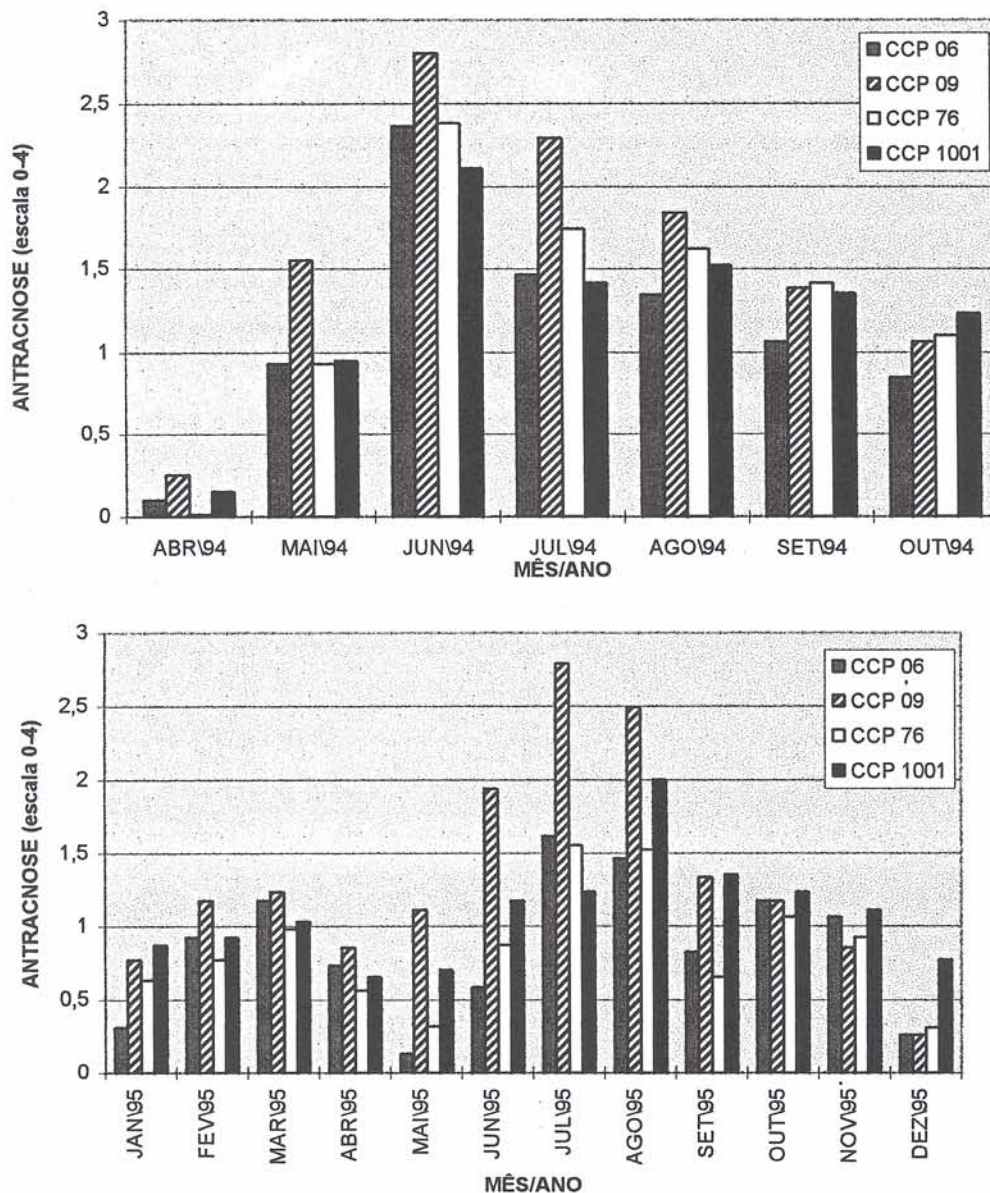


FIG. 1 - Progressão da antracnose em clones comerciais, em duas épocas epifitóticas.

COT 12, ago./97, p.3

De acordo com a Fig. 1, observa-se ainda que a ocorrência de antracnose nos dois períodos epifitóticos apresentou um incremento a partir de maio, quando foram verificados os primeiros lançamentos foliares, prolongando-se até o fim da estação chuvosa, atingindo um período máximo de infestação nos meses de junho e julho, época de máxima floração. Na Fig. 2 observa-se que a progressão do mofo preto se dá diferentemente da antracnose, pois a ocorrência máxima da doença concentra-se nos meses de abril e maio, sendo praticamente inexistente no final do período reprodutivo, época da estiagem.

De acordo com o observado, a ocorrência das duas doenças estudadas no período reprodutivo da planta pode afetar sobremaneira a produção pelo seu estado fitossanitário. Assim sendo, para se obter maior eficiência no pomar, devem ser utilizadas plantas que apresentem menor grau de susceptibilidade às fitomoléstias, proporcionando melhoria na produtividade e qualidade do pedúnculo e amêndoa.

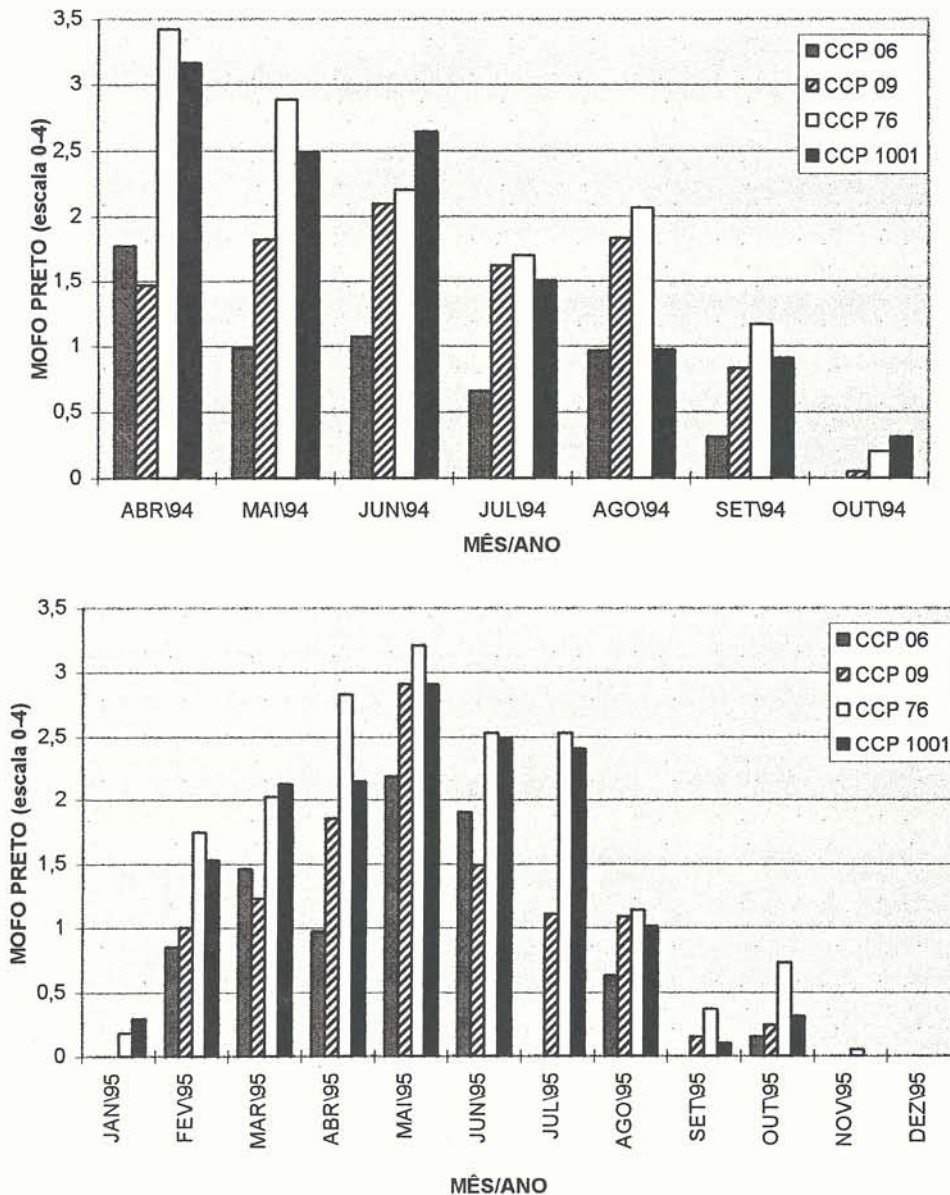


FIG. 2 - Progressão do mofo preto em clones comerciais, em duas épocas epifitóticas.